

Sermão 483

A fuga do Egito.

Santo Agostinho

Análise

Após a morte de José, os judeus passaram para o estado de cativo. Interpretação alegórica deste Patriarca. Interpretação igualmente alegórica da libertação realizada por Moisés e Aarão. É preciso primeiro fugir do Egito, se queremos oferecer a Deus um sacrifício de louvor verdadeiro.

01 – Após a morte de José os judeus se tornaram escravos.

Como a leitura do Antigo Testamento nos informou, meus caríssimos, o trono do Egito foi, depois da morte de José do Egito, ocupado por um novo rei que não tinha conhecido este Patriarca e que resolveu exterminar a multidão dos filhos de Israel. Ele os empregou no preparo da argila, na confecção de tijolos, no beneficiamento de cereais e os coagiu a se dedicarem a estes trabalhos até o esgotamento total de suas forças.

Por isso, fatigados por um longo cativo e esmagados sob o peso de trabalhos desproporcionais às forças humanas, eles encaminham, pelas bocas de Moisés e Aarão, este pedido ao faraó: *Deixa-*

*nos ir ao deserto, a três dias de caminho, para oferecer sacrifícios ao Senhor*¹.

02 – Interpretação alegórica da história de José.

Esta história, meus caríssimos, se quisermos nos manter na superfície da letra, apresenta um sentido muito claro e muito manifesto. Ela é tão bela, ela brilha por ela mesma com um esplendor tal, que basta simplesmente lê-la para sermos edificados por ela.

Mas os espíritos de vocês serão ainda muito mais grandemente edificados se, afastando a pele da letra que mata, penetrarmos até seu cerne, ou seja, até a interpretação espiritual. Ou, para dar ao meu pensamento uma nova forma, se, colocando como fundamento os fatos históricos relatados nesta passagem da Escritura, erguermos o edifício sublime de uma interpretação alegórica.

Primeiramente, meus caríssimos, nós mesmos somos os filhos de Israel. Nós que, pelo erro dos nossos primeiros pais, fomos tristemente expulsos do Paraíso das delícias, da região da luz e da felicidade eterna, para este vale de misérias e de lágrimas, para esta região tenebrosa e coberta pelas sombras da morte, como um verdadeiro Egito.

Enquanto José reinou no Egito, o faraó não perseguiu o povo de Deus. José representa aqui Jesus Cristo, que seus irmãos __ ou

¹ Êxodo 5: 3.

seja, os judeus __ venderam unicamente por um sentimento de ódio e que, depois de sido levado para o Egito, não foi reconhecido por seus irmãos, pois Jesus Cristo esteve neste mundo, *o mundo que foi feito por ele e o mundo não o reconheceu*².

Assim, pelo tempo que José conservou o poder sobre o Egito, o povo não sentiu nenhum efeito da ira do faraó. De fato, enquanto o verdadeiro José reina sobre nós, enquanto Cristo permanece o senhor absoluto de nossas almas, o faraó __ ou seja, o demônio e as forças inimigas __ não podem nos perfurar com seus dardos e nem nos causar nenhum dano.

Mas, após a morte de José, um novo príncipe sentou no trono do Egito e este príncipe não conhecia José e ele forçou os filhos de Israel a se dedicarem sem descanso ao rude trabalho de preparar a argila e fabricar tijolos.

Esse novo rei, meus caríssimos irmãos, não é outro além do demônio, que reina como senhor absoluto sobre todas as pessoas dedicadas ao orgulho e que não conhecem José, ou seja, Jesus Cristo. Disse então *o insensato em seu coração: “Não há Deus”*³ e, após a morte de José, ele passou a oprimir o povo.

Se Cristo vem a morrer em nós, se sua lembrança desaparece de nosso espírito, então o novo rei __ eu quero dizer: o demônio __ começa a exercer sobre nós seu poder tirânico e nos condena aos

² João 1:

³ Salmo 13: 1.

penosos trabalhos de preparação da argila e confecção de tijolos. Ele nos entrega à terrível e ignóbil escravidão das vontades carnis. Ele nos força a entregarmos nossos corações *ao mundo, às coisas do mundo*⁴. Ele acorrenta nossos espíritos e os mantém, como nossos corpos, constantemente voltados para as coisas terrenas, de uma maneira tal que a meditação nas coisas celestes se torna para nós uma atividade totalmente impossível.

03 – Interpretação alegórica da libertação do Egito.

Mas Deus, que se compraz acima de tudo com praticar sua misericórdia e que procura mais perdoar seus fiéis servidores do que puni-los, compadecido com sua miséria e sua aflição, escolheu e delegou Moisés e Aarão __ ou seja, a Lei e o sacerdócio __ para libertar seu povo e para castigar o faraó.

Por isso, tendo se apresentado perante esse príncipe, eles lhe disseram: *Assim fala o Senhor, o Deus de Israel: deixa ir o meu povo, para que me faça uma festa no deserto. O Deus dos hebreus nos apareceu. Deixa-nos ir ao deserto, a três dias de caminho, para oferecer sacrifícios ao Senhor*⁵.

Observemos aqui, meus irmãos, que os filhos de Israel, permanecendo na terra do Egito, não podiam oferecer a Deus nenhum sacrifício. A palavra Egito, de fato, significa “trevas” e designa aqui o

⁴ 1 João 2: 15.

⁵ Êxodo 5: 1 e 3.

mundo, pois este faz, de todos os seus amantes, filhos das trevas, ao envolvê-los nas trevas da ignorância e na noite do pecado.

Condenados aos trabalhos forçados, cegos por seus pecados, que recobrem seus olhos como um véu impenetrável, nós os vemos se agitando em um círculo sem fim, lutando contra ondas que os levam constantemente à praia, trabalhando sempre sem jamais encontrar o repouso, correndo com esforço sem chegar ao objetivo. Desgarrados na noite da mais espessa ignorância, eles executam uma atividade sobre-humana sem conseguir encontrar nem mesmo a porta da verdade.

Nessa região então de trevas e de morte, os filhos de Israel não podiam oferecer nenhum sacrifício, pois o coaxar das rãs ressoava em tal santuário, legiões de moscas se erguiam daquele solo lamacento, se precipitando para os olhos dos assistentes. Até mesmo o odor do incenso era sufocado pelas emanações pestilentas que enchiam aqueles lugares consagrados aos vícios mais diversos e onde cada demônio tinha um altar.

04 – As três etapas da “fuga do Egito”.

É preciso então sair do Egito, para que, com seu coaxar, as rãs não perturbem o repouso dos israelitas, para que as moscas, ao morrerem, não espalhem um cheiro doce e maculem o sacrifício.

Encorajados então pelo exemplo do bem-aventurado Abraão, *deixemos nossa terra, nossa família e a casa de nosso pai e vamos para a terra que o Senhor nos mostrar*⁶.

Como o bem-aventurado José, que abandonou seu manto nas mãos de uma adúltera, precipitemos para fora. Como o Lázaro do Evangelho, que deixou para trás o sudário⁷, sigamos o Senhor sem nem mesmo pensar em como estamos vestidos e caminhemos por três dias para chegarmos ao deserto e ali sacrificarmos ao nosso Deus.

Este caminho pelo qual nos é ordenado buscarmos a solidão é precisamente Cristo, que disse: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida e ainda: Ninguém chega ao Pai senão por mim*⁸.

É preciso então percorrer este caminho, não com movimentos corporais, mas com desejos interiores, para chegar à solidão do espírito e à quietude da consciência, pois, o conhecimento da Lei divina se adquire e se aperfeiçoa na quietude e no silêncio.

Enquanto o ruído tumultuoso do pecado atinge nossos ouvidos, enquanto a tempestade e o furacão do vício fazem explodir acima de nossas cabeças o som formidável de sua trovoada, não nos aproximamos da solidão. Mas, quando esse horrível tumulto tiver cessado,

⁶ Gênesis 12: 1.

⁷ Cf. João 11: 43 e 44.

⁸ João 14: 6.

desfrutaremos da paz e da tranquilidade da virtude e é somente então que podemos oferecer a Deus um sacrifício de louvor.

Ora, só chegamos a essa bem-aventurada solidão em três etapas. Na primeira dessas etapas a alma chega ao jardim. Na segunda, ela penetra no celeiro cheio de vinho. Na terceira, ela entra no quarto de dormir do rei.

É preciso que a alma, antes escrava dos prazeres carnavais que a levava a se embriagar, é preciso, eu dizia, que essa alma, libertada do Egito e cansada pela caminhada, encontre primeiro consolações e doçuras no jardim de Cristo. É preciso que esse jardim lhe ofereça árvores carregadas de frutos espirituais e flores que exalem o perfume delicioso da virtude, para que, graças a esse poderoso conforto, ela logo se esqueça dos prazeres grosseiros nos quais ela se comprazia e passe a procurar somente as alegrias e as delícias da virtude.

Este é o motivo deste convite que lhe é dirigido nos Cânticos: *Entre no meu jardim, minha irmã, minha esposa!*⁹

Na segunda etapa, o rei a introduz no celeiro cheio de vinho. Esse celeiro não é outra coisa além das divinas Escrituras, nas quais está o vinho espiritual que inebria o espírito dos fiéis e que desfruta o coração do ser interior.

Depois então que a alma, ocupada inicialmente em saborear as doçuras sensíveis da virtude, pôde satisfazer completamente essa

⁹ Cântico 5: 1.

curiosidade, ela penetra no celeiro cheio de vinho, se aplica ao estudo das santas Escrituras e a Lei de Deus se torna então objeto de suas meditações dia e noite.

Por isto também estas outras palavras dos Cânticos: *O rei introduziu-me em sua adega*¹⁰.

Na terceira etapa, por fim, a alma entra no quarto de dormir do rei. Esse quarto é o santuário da contemplação, uma espécie de tabernáculo misterioso onde a alma medita mais à vontade, pois a alma fiel, depois que o jardim das virtudes a afastou do amor pelas coisas temporais e a adega cheia de vinhos a iniciou no conhecimento das divinas Escrituras, a alma fiel se retira e se encerra na solidão do espírito, como que em um quarto secreto e lá se acendem os fogos do divino amor pela meditação assídua sobre as verdades eternas, ela contempla e adora seu Pai como que sobre uma montanha inacessível a qualquer profano e oferece a Deus um sacrifício de louvor.

05 – É preciso fazer a caminhada de três dias para louvar o Senhor.

Vocês então, meus caríssimos, que são verdadeiros israelitas, não por causa de sua geração carnal, nem por causa de uma circuncisão feita em suas carnes, mas por causa da sua fiel observação dos mandamentos de Deus, fujam do Egito, seguindo o exemplo dos seus

¹⁰ Cântico 1: 4. *Introduxit me rex in cellaria sua. Cellārius*: celeiro de vinhos, depósito, adega (Liddell–Scott–Jones).

antigos ancestrais. Sacudam o jugo do faraó, renunciem aos trabalhos na terra e na lama que ocuparam vocês até agora. Coloquem um fim nas relações e nas conversas com os egípcios que contaminam vocês e corrompem vocês. E, gritando fortemente para o Senhor, sigam como Moisés e Aarão, livres de todo entrave e livres de todo fardo, em uma caminhada de três dias __ ou seja, com bons pensamentos, com boas palavras, com boas ações __ rumo à quietude e à solidão do espírito. Ofereçam um sacrifício de devoção e de louvor ao Senhor seu Deus, que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém!



Créditos

© 2021 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido de Œuvres complètes de Saint Augustin, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873, por Souza Campos, E. L. de.

Traduzido do latim para o francês pelos Abades Bardot e Aubert.

Sermons inédits. Quatrième supplément. Première section. Sermons sur des sujets tirés de l'écriture I. Troisième sermon.

Conteúdo

Sermão 483	1
01 – Após a morte de José os judeus se tornaram escravos.....	1
02 – Interpretação alegórica da história de José.	2
03 – Interpretação alegórica da libertação do Egito.....	4
04 – As três etapas da “fuga do Egito”.	5
05 – É preciso fazer a caminhada de três dias para louvar o Senhor.....	8
Créditos.....	10
Conteúdo.....	11